

## IR À IGREJA

Uma vez certo de que nada se passa  
Eu entro, deixando bater a porta.  
Outra igreja: passadeira, bancos, pedra,  
E livritos; flores aos molhos, cortadas  
Para domingo, murchas já; metais e não sei mais o quê  
No ao fundo sagrado; o pequeno órgão muito limpo;  
E um silêncio denso, abafado, patente,  
Fermentado há sabe Deus quanto. Sem chapéu, desprendo  
As molas de ciclista em desastrada reverência,

Avanço, passo a mão pela beira da pia.  
Donde estou, o tecto parece quase novo —  
Limpo ou restaurado? Há-de haver quem saiba: eu não.  
Subindo ao púlpito, examino uns poucos  
de versículos em escala assustadorá, e digo  
“Aqui acaba” bem mais alto do que pretendia.  
O eco retine brevemente. Já à saída,  
Assino o livro, deixo um tostão irlandês,  
Reflecto que o lugar não merecia que parasse.

E contudo parei mesmo: de facto paro muitas vezes  
E acabo sempre tão confuso como agora,  
Sem saber o que buscar; a ponderar também  
Quando as igrejas caírem totalmente em desuso  
Que lhes vamos nós fazer; talvez manter  
Umhas tantas catedrais em exposição permanente,  
Com pergaminhos, patena e píxide em estojos fechados,  
E deixar o resto, grátis, à chuva e aos rebanhos.  
Iremos evitá-las porque dão azar?

Ou, depois de escurecer, virão mulheres estranhas  
Pôr filhos a tocar uma pedra especial;  
Apanhar ervas para um cancro; ou numa  
Noite aconselhada ver um morto a caminhar?  
Um poder, seja do que for, continuará  
Em jogos, em adivinhas, aparentemente ao acaso;  
Mas a superstição, tal como a crença, tem que morrer,  
E que restará quando a descrença se for?  
Relva, pavimento com ervas, espinheiros, alicerces, céu,



Uma forma cada vez menos reconhecível,  
Um propósito mais obscuro. Pergunto-me quem  
Será o último, o último de todos, à procura  
Deste lugar pelo que foi; será um do grupo  
Que mexe e anota e sabe o que eram nichos elevados?  
Um sôfrego de ruínas, excitado por antiguidades,  
Um viciado do Natal, à espera dum cheirinho  
De cerimónias, música de órgão e mirra?  
Ou será ele um representante meu,

Maçado, mal informado, sabendo a lama do espírito  
Dispersa, atraído contudo por esta cruz no chão,  
Passando pelo lixo à volta, porque ela deteve intacto  
Tão longa e serenamente o que se baseia agora  
Apenas na separação — casar e nascer  
E morte e imagens disso — para quem se construiu  
Esta concha.especial? Porque, embora não faça ideia  
Do que vale este estábulo ornamentado, bafiento,  
Agrada-me estar de pé, em silêncio, aqui;

É uma casa séria na terra séria,  
No seu ar perfumado cruzam-se os nossos impulsos,  
São identificados, vestidos como destinos.  
E isso não vai ser nunca obsoleto,  
Há-de haver sempre alguém que surpreenda  
Uma fome interior de ser mais sério  
E gravite com ela até este lugar  
O qual, ouviu um dia, era próprio para tornar-se sábio  
Se ao menos uns tantos mortos jazessem em redor.

(Tradução de Maria Teresa Guerreiro)

Philip Larkin nasceu em Coventry, Inglaterra, em 1922. Presentemente, é bibliotecário da Biblioteca de Brynmor Jones da Universidade de Hull. Os dois poemas aqui editados pertencem ao livro **Philip Larkin: Uma Antologia**, a ser publicado em breve por A Regra do Jogo.